A MONARCHIA

Bi-Semanario

N.º 12 — 1916
3 de Março

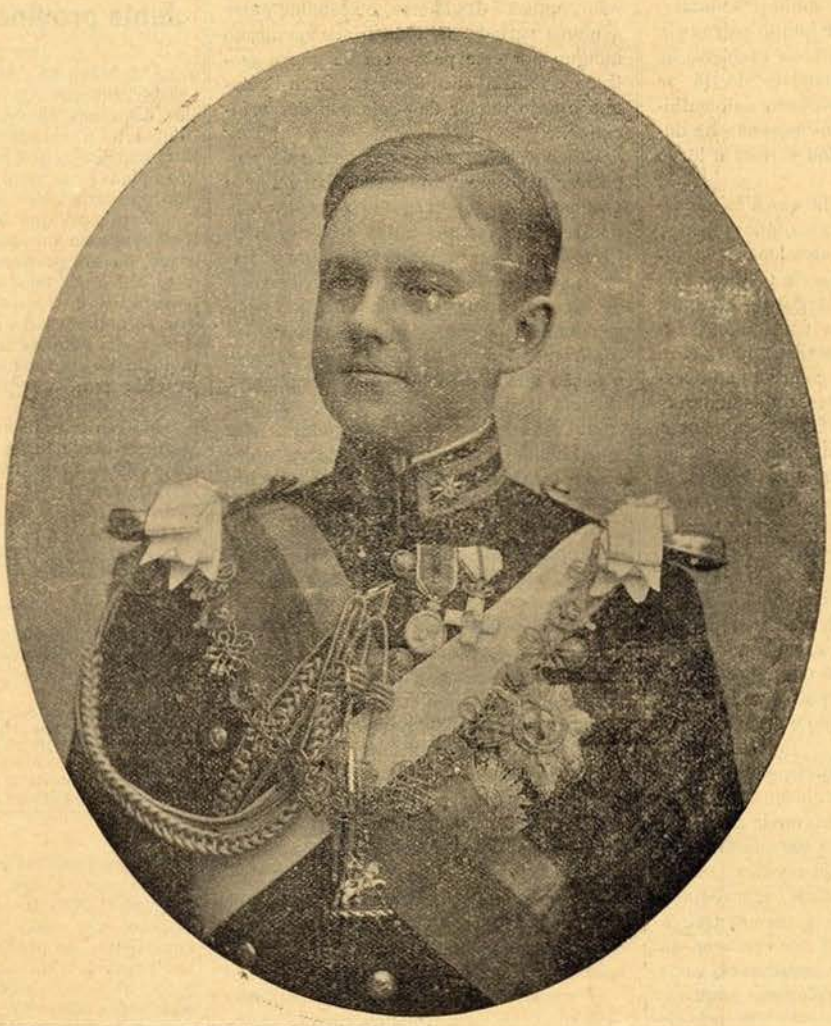
DIRECTOR E EDITOR:
ASTRIGILDO CHAVES

COMPOSTO E IMPRESSO EM
A POLYCOMMERCIAL
R. d'Alcantara, 41-A a E — LISBOA
Propriedade de Armenio Monteiro

Toda a correspondencia para os escriptorios provisorios
R. d'Alcantara, 41, 1.º E.
TELEPHONE 3362

Preço de assignatura: Serie de 25 numeros **500** réis para o continente, ilhas e ultramar. Extrangeiro o mesmo preço ao cambio do dia. Accrescem as despezas de cobrança. **Avulso 20 réis. Annuncios:** Convencional, sendo permanente, não sendo **30** réis a linha, corpo 6, pagina dividida em 6 columnas.

REMEMBER



Sua Alteza Real o Principe D. Luiz Filippe, quando saíu de Lisboa em viagem pelas africas portuguêzas onde foi explendidamente recebido por nacionaes e estrangeiros.

Este malaventurado Principe, foi mais tarde cobardemente assassinado n'uma praça da capital em holocausto ás ambições dos chefes republicanos.

Governo Nacional?

Abdiquem primeiro!

Se é certo que o governo do sr. Affonso Costa, depois de collocar torvamente e descaroavelmente a Patria á beira de um abysmo, pediu a sua demissão ou pensa demittir-se, isso representa a mais flagrante prova do monstruoso crime que acaba de praticar, e receoso do castigo inexoravel de toda uma nação indignada, procura furtar-se, arteiro e cobarde, ás tremendas responsabilidades.

Este indigno governo, subiu já ao poder, não guiado por qualquer intuito patriotico, embora minimo, mas na ideia exclusiva de dar cumprimento ao mandato do 14 de maio e ceder, n'um servilismo automathico, ás exigencias britannicas,—não ha duvida alguma que executou á risca o tôrvo programma.

Que lhe importava a elle que a crise economica do paiz subisse assustadoramente; que escasseassem as subsistencias e augmentasse dia a dia a miseria publica; que se multiplicassem os encargos do thesouro e a circulação fiduciaria nos apontasse a porta da bancarrota; que lhe importava a elle que o povo quizesse comer e não tivesse, que ás industrias faltassem as materias primas, que o exercito ficasse de mãos a abanar, sem armas e sem munições, que se compromettesse a Patria, que se jogasse os destinos da nacionalidade? O seu mandato era outro, mais alto e glorioso: era o da *salvação dos principios*...

Quizeram lá saber algum dia do interesse nacional, do bem publico, da vida e bens dos portuguezes; a salvação dos principios, em nome da qual executam os seus actos, não cuidem que é alguma coisa de transcendental e nobre, pois que é apenas a synthese do seu egoismo e a capa politica dos seus crimes.

A salvação dos principios, nos convencionaes francezes, era inspirada... pela deusa Razão; e hemos de convir que tinha alguma coisa de digno, pois que lhes era suggerida pela sua crença mystica; mas a d'estes tartufos democraticos, sem crenças e sem ideias, resume-se á manutenção á *outrance* do estado social que crearam, do sobádo que á beira-mar instituiram, onde mandam, imperam, exploram, roubam, matam, dispõem de tudo e de todos, desde os cofres do Estado, á vida dos seus subditos, a salvação dos seus principios, dissemos, é a manutenção da republica com prejuizo para o paiz, mas no proprio, pessoal, interesse, ou, em caso ultimo, a perda da republica — com a da patria — para que, cá dentro ou lá fóra, as suas carcassas continuem commodamente gosando os bens adquiridos e avàramente amontoados durante os ultimos seis annos de devastação e pilhagem.

A salvação dos principios tem sido a deusa inspiradora de todos os actos dos governos, desde o primeiro do Provisorio até ao ultimo da appropriação dos barcos allemães. Esses actos, são os balões de oxigenio na republica agónica, de ha muito com evidentes symptomas cadaverosos O governo do sr. Affonso Costa pensou lá em accudir á crise terrivel das subsistencias!... Pensou, n'esta hora extrema, vêr se ainda conseguia salvar a rep. ou lançar tudo isto para o abysmo! Agarrou-se de mãos ambas á Inglaterra, e acaba de jogar a ultima cartada. E, todo o seu servilismo indigno por esse paiz, vem de que o grotesco estadista encontrou na Gran-Bretanha o anjo tutelar da—*salvação dos principios*...

Ora o *grande portuguez* depois de prepertrar o ultimo acto, pensa abandonar o governo, para de longe, como simples particular, ficar na expectativa dos seus effeitos e, talvez, para quando lhe cheire a chamusco, se esgueirar para o seu velhacouto da Suissa... Lança a patria para um perigo eminente, e outros que o conjurem ou o affrontem! Joga os destinos da nação e a nação que se aguente nos resultados! Deserta cynicamente, foge como um poltrão. Mas então que envergadura, que mentalidade, que civismo, que força moral e que energia governativa é a d'esse homem,—o tal Pombal do seculo XX?!

Em todo este ultimo acto da tragi-comedia republicana estamos já divisando, senhores, a queda brusca do panno da deshonra...

Ministerio nacional, agora, para executar o plano governativo, tenebroso, do sr. Affonso Costa,—salvação da republica ou esfacellamento da Patria? E qual a representação nacional dos partidos para tão infausto e escuro programma?

«A Capital» orgão democratico da noite, arauto cynico de todas as monstruosidades, lá vem já insunando que *se discute*, (e isto depois das conferencias dos chefes republicanos com o presidente da republica), se *os catholicos e monarchicos deviam ser convidados a entrar para esse governo*... Bem percebemos a rêde que, n'esta hora grave, nos pretendem lançar.

Os monarchicos,—é essa a nossa opinião pessoal,—não podem collaborar em semelhante governo, nem n'esta, nem n'outras circumstancias. Os monarchicos não querem que a lama da deshonra, em que se afundam os republicanos, a elles os attinja levemente.

Os monarchicos, acima de tudo, são patriotas. A ideia da patria é que os estimula e anima no seu caminho. Os estadistas republicanos não teem energia nem aptidões governativas para arrancar o paiz da grave e difficilima situação que a loucura, a inepcia e o crime lhe crearam?

Suspendam. Abdiquem. Ainda é tempo.

Hoje, apesar de tudo, ainda é tempo! Abdiquem. Sejam ao menos uma vez dignos. Façam-se homens. Mostrem que, arrependidos dos seus erros, estendem os braços para a Patria afflicta e desejam reintegrar-se no gremio da nação portugueza! Os monarchicos formarão governo, os monarchicos, com os seus homens competentes, com os seus diplomatas, os seus estadistas e os seus generaes, saberão arredar todos os obstaculos e manter firme, respeitada e gloriosa a integridade da Patria!

E' tarde mas ainda é tempo.

Abdiquem!

Junta provincial Alemtejana

Um bravo ao Alemtejo!

O principio agora posto em pratica pelas Camaras Municipaes do Alemtejo é d'uma tal transcedencia, d'um tão alto valor economico que bem merece o mais largo aplauso de quantos amam este bello torrão portuguez.

E' preciso que todos os municipios se compenetrem do seu valor social e economico, da sua grande funcção *como governo* regional e que bem a peito tomando as suas obrigações e os seus direitos, se unam como um só homem para impôr ao governo central a sua vontade consciente que deve ser aquella de que maiores beneficios possam resultar para a região, para a provincia e para o paiz.

Foi um grande exemplo e Deus quizesse que em breve fosse seguido pelos municipios das outras provincias!...

Um bravo, pois, ao Alemtejo!

Finis Republica

A Capital narrando as suas impressões de sobresalto em que vive a capital, dizia ante-hontem:

«Os membros da colonia allemã affirmavam unanimente a existencia de uma nota entregue ao governo portuguez para a restituição dos navios.

A maioria responsabilisava a Inglaterra pelo acontecimento e lamentava com palavras de simpatia para Portugal onde uma hospitalidade sempre gentil os acolheu, um rompimento provavel entre os dois paizes.»

E escreve-se isto num orgão do governo! A que ponto chega a incensatez ou a desvorgonha! Não ha duvida que esses republicanos são desmiolados ou bandidos, inconscientes ou preversos. Veja-se como elles pretendem nestas palavras alijar para longe as suas tremendas responsabilidades, passar aos olhos do publico por innocentes e austeros patriotas! Primeiro eram—heroes e orgulhavam-se dos seus actos violentos; agora são martyres — e pretendem acolher-se á commiseração publica!

Primeiro insultaram a Inglaterra, numa linguagem brutal e suja com as suas penas de redacção e com as lyras dos seus poetas; acolheram-se depois á sua protecção e transformaram-se em seus lacaios. Para lhe agradarem, passam a insultar a Allemanha e o seu Imperador, violam a neutralidade, acatam servilmente todas as ordens do *impudica* Albion, compromettem a Patria.

Foram *heroes* até ao acto facilimo de collocar as bandeiras da republica nos mastros dos navios allemães. Depois da nota germa-

nica (?) e á vista do labyrintho onde se metteram, de heroes passaram a *martyres*!

A responsabilidade é da Inglaterra... como se elles não fossem senhores dos seus actos ou como se Portugal não fosse paiz independente!

Então a republica está sob a tutela ingleza, o paiz é um protectorado britannico?!

Que desvorgonha, que baixesa e que indignidade!

Cartas a Faustino Polycarpo Thimoteo

Meu illustre ex-administrador de Torres Vedras.

O seu ultimo postal não o percebi, vinha com aquella maldita orthographia democratica que você usa, e a que ainda não fui capaz de me acostumar.

Não é portanto ao bilhete que vou responder; é á sua carta de 5.ª feira, pois a consegui perceber toda, matutando sobre a dita umas duas horas bem fechadas.

Você escreve bem, eu... é que não estou lá muito habituado com a sua lettra, mas... já vou indo.

Com que então o regedor está já um pouco thalassa!?...

Foram os *jasuitas* que me transtornaram o homem.

Quem havia de dizer que uma esperança do nosso partido cahia assim, sem mais nem menos, no papo da *reacção!*

Em compensação temos o Leotte que é um homem ás direitas.

Já se apossou dos navios allemães.

E' para que saiba que eu bebo do fino.

A minha carta ultima não lhe mentiu.

Ah! mas se você visse como eu vi, alli do Caes de Santarem, o valor do homem, dava-lhe um chocho, tão repenicado, como o que a mulher do Calhorda, no Sobral de Mont'Agraço, deu, no tempo da propaganda, nas bochechas do nosso Affonso Costa.

Que grande beijo seu *Faustino!*

Demais a mais untado com toucinho e carne de porco, muito saboroso devia estar o chocho.

E sabe? Com certeza você sabe, ella tem um filho a quem poz o nome de Affonso Costa, não sei se por influencia da beijoca.

Aquillo é que é uma correligionaria de truz!

Até já fugiu ao marido com um correligionario do dito, que vem a ser nosso correligionario.

Parece que isto agora é moda, fugirem as mulheres dos nossos com os maridos cá da grei.

Por cá dá-se o mesmo, tambem as mulheres d'alguns correligionarios são como as Calhordas d'ahi.

Mas voltemos á vacca fria, quero dizer, ao Leotte.

Aquillo é que é valente!

Imagine que para se apossar d'aquelles navios todos,... são trinta e seis, seu Polycarpo, trinta e seis navios, uma continha callada, trinta e seis navios mercantes, isto é, trinta e seis barcos com as tripulações reduzidas e sem armamento. Pois para se apossar d'elles apenas se fez acompanhar das seguintes unidades: Contra-torpedeiro «Guadiana», contra-torpedeiro «Douro», os torpedeiros e ainda não sei quantos rebocadores do Arsenal, conduzindo operarios serralheiros e caldeireiros.

Além d'isso, ordenou que o «Vasco da Gama» e o «Almirante Reis» viessem postar-se em frente do Terreiro do Paço com as caldeiras accesas, para o que désse e viesse.

Então seu Thimoteo, isto é ou não é um homem?!

Que pena as nossas Calhordas todas não terem assistido!

Não teve a dita dos beijos d'ellas, mas tivemos nós como lenitivo a sensação de ouvir troar a artilharia naval, celebrando o feito memoravel.

Hoje somos um paiz que tem uma esquadra e um commandante.

Publica-se agora por cá um jornal *reaccionario* como burro, chama-se *A Ordem*, mas *O Mundo* diz-nos que elle fomenta a desordem.

Que elle não lê pela nossa cartilha isso é mais claro do que a agua, todavia eu não tenho receio algum da propaganda que possa fazer contra nós, emquanto me trouxer, no logar do artigo de fundo, d'aquellas *explendidas* reportagens de Setubal, que nos fallam dos passarinhos como o dr. José de Castro das arvores.

Se aquillo apparecesse no *Mundo* eu diria que era prosa d'algum Rodrigues, mas na *Ordem*... deve ser d'algum Rodrigues catholico, porque todos os partidos os teem.

Ah! que se não fossem os Rodrigues, melhor iriamos todos: você, eu, o Affonso... olhe que até D. Manuel, que a thalassaria ainda nos quer impôr outra vez como rei, ganharia alguma cousa com isso.

Mas se elle tambem tem Rodrigues...

Todavia tem menos que nós;—por lá as cousas correm melhor, e tenho muito receio que levem a sua avante.

Lembre-se de que em politica sou um barra, e vejo muito.

Então a estudantada, que me diz você á estudantada?

Sabe que procuro estudar o caso a fundo e não o sei resolver.

Palavra d'honra que é intrincado a valer.

Até o Affonso que a principio estava arisco, depois da assuada que lhe fizeram no parlamento aquelles demonios dos rapazes, já está brando como cêra...

Mudaram-nos o homem!

Tambem os *jasuitas* se atreveriam a entrar com elle?

Acautelle-se você, seu Faustino, não seja o caso que tambem tenhamos que chorar a sua grande falta.

Tenha sempre em mira que todos quantos sahem cá do partido, para qualquer dos da nação, o fazem quando estão já *Mathias*. Nenhum homem de talento, gosando de todas as faculdades mentaes passa da *luz* para as *trevas*.

Porque estamos nós cá?

Porque somos intelligentes; você deu provas, grandes provas de capacidade emquanto administrador, eu espero dal-as quando ministro.

Para a frente é que é o caminho!

A *jasuitada* não nos ha de explorar, temos os olhos muito abertos.

Vejam os thalassas se teem entre os seus *snobs* um rapazinho tão bem posto como o Urbano... Isso nunca!

O Urbano é um *gentleman*... e é um grande talento com queda para a diplomacia e até para a economia politica.

Já chegou a provar á thalassaria embasbacada que o dr. Affonso Costa se sustentava apenas com 25.000 réis ominosos.

Não ha outra cabeça como a d'elle.

Acho-o agora um pouco mudado, desde que teve assento no parlamento não falla á gente com tão bom modo... andará por alli tambem o microbio da *reacção?*

Responda-me e dê-me as suas impressões.

Receba um abraço de fraternidade do seu, sempre ás ordens,

Agapito Ximenes.

A Formiga

Para alguma coisa serve o sêr-se revolucionario civil encartado. O sr. Alberto Correia tomou posse no dia 1 do cargo de terceiro official do ministerio das finanças!...

Não sabe lêr nem escrever, de simples trabalhador adventicio d'alfandega e por virtude do seu singular diploma lá vae trepando.

Ha de chegar a deputado e talvez a ministro—se lhe derem tempo.

*

Tem continuado a haver reuniões federativas e até por causa da sua entrada para essa caverna o secretario do sr. governador civil Alberto Totta pediu a demissão... Mas—ó importancia!—o sr. governador civil, *in-nominé*, mandou-o chamar e mesmo «federado» lá voltou para o seu cargo!...

*

Entre os grupos federados contam-se os dos *illustres cavalheiros* abaixo mencionados:

Pinto Lima.
Luiz Soares.
Alfredo Pinto.
Alvaro Santos.
Alberto Totta.
Araujo, da rua dos Bacalhoeiros.
Alberto Correia.
Casal Ribeiro.

De quantos fôrmos tendo conhecimento aqui iremos dando os nomes n'este *quadro de honra!...*

Echos & Commentarios

Viva! sr. 3.º official!

O formiga Alberto Correia, o tal a quem o Parlamento concedeu diploma de «revolucionario civil», acaba de ser nomeado 3.º official de uma repartição do Estado.

Quantos, com o diploma de bacharel, não suspirariam por aquelle logar! Eu não sei mesmo para que servirá hoje em dia lyceus, institutos, universidades. Para quê tantos annos de estudo?

E é tão facil sêr-se «revolucionario civil...»

Quem tem telhados de vidro...

Diz o lanternim da R. de S. Roque que na assemblea do Banco de Portugal se destacou o sr. Ernesto Schroeter, o austriaco.

Será austriaco, o sr. Schroeter, naturalisado portuguez; mas o sr. Bernardino Machado, presidente da republica, brazileiro, crêmos bem que não está naturalisado.

Pois seria bom saber-se...

O "Casquinha,, da... Rotunda

No anno de 1900 achava-se o commissario naval Machado Santos fundador da 1.ª *luminosa* em serviço na esquadrilha de Gaza como encarregado do deposito de generos. Era então commissario de 3.ª classe. Um dia os operarios que faziam serviço nas officinas da esquadrilha na Barra do Limpopo foram passear para a margem esquerda do rio. Porem á volta, os operarios (que se chamavam Cabral, Gonçalves e Ta-

vares), quizeram passar para a outra margem e como fizesse muito vento e um *boccado de vaga*, mandaram um preto dentro do dongo (embarcação indigena) com um bilhete pedindo ao «*nosso heroe*» para lhe mandar o bote buscal-os.

Resposta do **1.º fundador da luminosa**: — *Venham a nado ou então na «casquinha.»*

Eis porque o nosso heroe ali ficou alcunhado do «*Casquinha.*»

Garantimos a authenticidade.

Acautellem-se os operarios

Sabemos de fonte auctorisada que varios elementos do *democratismo* com a *formigada* á frente, pensam em fundar um novo partido a que pomposamente darão o nome de partido do trabalho.

Dizem que assim tiriariam muita força ao partido socialista.

Ahi fica o aviso; e agora os operarios que se acautellem com este *novo conto do vigario.*

Já se esqueceram!!!...

Quem seriam os officiaes que a bordo de um navio surto em Lourenço Marques por occasião da guerra *angla-boer* punham a Inglaterra pelas *ruas da amargura* e são agora os que andam a dar vivas ao mesmo paiz?

Então agora já não são *sélvagens*?

Tambem aqui havemos de fallar ácerca de uns tumultos havidos n'aquella possessão e de que alguns inglezes foram victimas.

Temos muito bôa memoria.

Obras do Estoril

Será verdade que ali se admittem operarios e empregados com recommendação do democratismo e que são principalmente dádos os melhores logares á *formiga?*

Quem responde?

Rocha Tarpeia

Com o conselheiro **Augusto José da Cunha**, fugiu o sr. **Braamcamp Freire**, o qual, se bem nos lembra, publicou, n'essa occasião, uma carta na imprensa, em que se confessava admirador e incondiccional companheiro politico d'aquelle conselheiro. Não era um convicto, era um collaborador de conveniencias facciosas. Se ambos estes cavalheiros não eram uns nullos porque as honrarias de que andavam investidos os impunham á consideração das gentes, o mesmo não podemos dizer de **Arthur Marinha de Campos**, que, não obstante a sua astucia, quando da digressão politica do Sr. João Franco a Faro, confessando-se vassalo do illustre estadista, continuaria (temporareamente) a ser franquista se lhe fosse sanccionadas as ambições para ser regulo n'uma provincia ultramarina. — Sem competencia — o que bem demonstrou na sua ignorancia, sob o dominio da republica, como governador de Cabo Verde — para esse logar, obtido como compensação do seu heroismo demagogico, planeado por entre a hoste dos dissidentes, a sua acção foi, é e será sempre um estorvo para o prestigio de toda a missão politica e social.

E' insolito, indisciplinado, deshumano, perigoso. — E vá lá este reclame a esse individuo.

João Pereira.

COIMBRA EM FRALDA
por
Armenio Monteiro
PEDIDOS A A POLYCOMMERCIAL
R. d'Alcantara, 41 — LISBOA

Elegia da Liberdade

A' memoria de: Frederico Chagas, D. Pedro Villa-Franca, Tenente Soares.

Ostia rubra do Sol com prismas de diamantes,
Pomba doirada, cujo sangue é luz,
Vem pousar sobre mim, como pousaste dantes.

Da-me o teu cálix de amethista e oiro,
Quero beber... deixa sorver a flux
Vias-lacteas astraes, clarão immorredoiro.

N'um trago só, n'um hausto hallucinante,
—Extrema-uncção do pobre agonisante—
Dá-me, ó fonte do Sol que já perdi no Oceano,
Dá-me, ó bocca de Deus um beijo sobrehumano,
Um beijo ardente, immenso de Paixão,
Que me faça brotar raios de Inspiração!

A janella gradeada da prisão
Dá sobre o Tejo de agua verde-jálda:
Mas meus olhos só vêem lá ao longe,
Em puro extáse mystico, de monge,
Certa campina d'oiro e de esmeralda
Pintalgada de rubidas papoilas!
E estradas, como rios ao luar,
Onde passam cantando as pállidas moçoilas;
E alto castello senhoril, feudal,
Pagem fiel do meu bemdito Lar!

De que serviu a tua barbacã,
De que serviu a torre de menagem
Jesus! se tudo foi n'essa voragem?!...

Tornou-se negro o céo de Portugal...

Ó minha velha Ama e ó minha linda Irmã,
Deixae mais uma vez sentar-me a vosso lado:
Supponde que voltei do campo, extenuado,
E uiva lá no pateo a impávida matilha.
(Foi outra a caçada, filha,
Montei o meu cavallo Temerário
E fui cahir refens no ecúleo do Corsario!)
Não chores, vá, ó minha irmã Maria,
Faze trazer depressa o bastidor
Que eu, como dantes, bom desenhador,
Desenharei, para bordares, teu monograma
Com symb'los de constancia e lyrios de pureza!
Vá, que conte uma historia a nossa velha Ama,
De principes gentis, ou de moira encantada,
Ou de fadas ao luar, fiando á beira da estrada,
Ou de batalhas batalhadas contra os infieis,
Ou de naufragios sobre os vagalhões reveis...
Dize que conte a tua predilecta, esta
Da Princeza que deu bambinos
D'oiro estrelados na testa...
....
A janella gradeada da prisão
Dá sobre a cidade envilecida...
A tua voz gemente e dolorida,
Lysia, corta-me o coração:
Mas meus olhos só vêem lá ao longe,
Em puro extáse mystico, de monge,
Outra Cidade feita de cidades,
De mil castellos feito outro Castello:
—Rainha sem diadema no cabello,
Errante, vagabunda, ás tempestades...

E' noite agora: a lua tragica
Mergulha a paysagem triste
N'uma mancha flébil e nevrálgica...
A ermida subsiste,
Mais branca, mais hirta, mais lavada,
Silhouetada no céo de mau cobalto
Entre cyprestes negros, lá no alto.
Soluça um rio na agua da levada.
Chora em silencio o espirito das coisas
No pranto espectral dos poisa-loisas.

Eil-a surge, de volta, á porta da capella:
Na escuridão da noite, agora, é uma estrella
A minha Noiva, o meu Amôr sem par,
Mail-as suas aias, mail-o seu cortejo...
(Zephyro! vae levar-lhe na tua aza um beijo!)
Vêde como escurece a propria luz do luar!
Toda ella é um clarão, feito talvez d'espr'ança...
Desprendeu-se-lhe—acaso—a sua negra trança,
Cae-lhe toda em bandôs nos hombros de alabastro.
—De joelhos, se puder, hei de seguir teu rastro!
Que transfiguração, Jesus! Jesus! Jesus!
Smorzando na dynamica da luz
Outra forma, outra image, outra expressão...
O' meu amôr, quem quer roubar-te, qual a mão
Que se atreve a arrancar do teu semblante
O rutilo fulgor que trespassou meu peito,
A suavidade auroral da Beatriz do Dante,
A graça que me fez chamar-te—Amôr-Perfeito?!
Apavóra o olhar... que treva! que tristeza!
Olhos como orbitas feraes, na profundeza!
O nariz adelgaça, a fronte empalidece,
Torna-se a bocca chaga, hiato, kisto em flôr,
Loucura de Rei Lear, calix toxico de dôr!

Vae-se fixando pouco a pouco a linha,
Ao passo que caminha.
No fundo das suas orbitas escuras
Irradia um fogácho de Epopeia,
Fogo-fatuo do Genio a arder nas sepulturas!
O seio virginal, que levemente alteia,
Plectorisou-se, olhae, em úberes maternos.
A paysagem é um cyclo dos infernos
Com bisontes, centauros a ulular,
Abróthos, maldições, gemidos, gritos,
Insomnias, fratricidas e proscriptos,
Mãos com punhaes na sombra a rebrilhar...

E o espectro continua a caminhar.

Veste alvissimo péplo de brocado
De castellinhos d'oiro recamado
Na larga barra hieratica, patricia:
A mão direita, que lembra uma caricia,
Como se desprendeu talvez do hombro
A fibula, no passo de algum escombro,
Ergue-se como eu vi em Boticelli
Ou, melhor, na Madona de Ara Cœli,
E assim segura a exome côr do firmamento,
Que levemente enfauna o ciciar do vento.
Oh! mas atravez o péplo, que distingo? Sangue?!
Chagas a gottejar, f'ridas feitas ranunculos,
—O' Senhora das Dôres a soluçar, exangue!—
Cinco pharóes a arder, como carbunculos,
Cinco luzernas com scentelhas de amethisto
Do peito em pleno altar!
Cinco...
—As cinco chagas de Christo!

Não é a Noiva já que volta de rezar
Irmãos! E a Patria vagabunda a errar, a errar..

Na sua ronda noturna, a Mãe-de-Todos,
Desolada dos tragicos exôdos,
Das hecatombes, do luto, da chacina,
Da miseria, da lepra e da vermina
Que corroe as entranhas da Nação;
E do jugo feroce dos tetrarchas
Sobre o throno vazio dos Monarchas;
E da Epopeia heroica, maldição!
Espesinhada, a rastros, pelo chão;
E de dois Reis varados n'uma praça;
E do Terror e do Odio e da Ameaça;
E das prisões a abarrotar de presos;
E do nome de Deus cuspido nos pasquins;
E da deshonra, e das paixões ruins—
Villanias, invejas e desprezos,
Poltrões de espada-á-cinta envergonhando as fardas:
De toda essa miseria, desolada,
De todo esse ambiente de preságio
Com corvos a annunciar o lugubre naufragio,
A Mater-dolorosa, a Immaculada,
A Patria afflicta de olhos de Ballada,
Vae á noite p'los campos solitarios
Hirta de dôr,—ó vagabunda errante!—
Tal qual como outr'ora andou o Dante,
Fugindo ao ferro infame dos sicarios!
Para guardar, furtar á mão descaroavel
O glorioso zalmph azul e branco, o eleito,
A Tradição, a Honra, a Historia memoravel
Que aperta contra o marmore do peito!

Uivam-lhe á volta os tigres e os chacaes;
Espreitam-na os ladrões á beira dos pinhaes
E ella estremece, pára... e segue o triste signo:
Quando o cansaço a postra, a Viageira
Busca um recanto, um abrigo na clareira,
E põe-se a lêr o livro do Destino...

E' então que os heroes de insomnias redemptoras
Erguem do tumulo as lageas oppressoras
E se põem com Ella a conversar.
Suas fallas, porem, são lagrimas sómente;
Mas o pranto que corre lentamente
E' amôr, que a fé nossa vem fortificar.

Heroes que vos juntaes nas sombras invisiveis!
Vós sois os alfagemes fortes, impassiveis,
Que afiaes, pela noite alta, o gume das espadas
Que hão de amanhã erguer as massas rebeladas!
Ó' forjas collossaes de rubidos clarões

Rosas... com espinhos

Um senador affirmou no parlamento que no norte do paiz se estavam fazendo grandes acquisições de material de guerra, sem conhecimento do parlamento e da nação, e o sr ministro da guerra não desmentiu o senador, antes confirmou.

Os conselhos de ministros succedem-se uns aos outros, longos trabalhosos e sem notas officiosas de valor...

O que ha?

Nada, respondem! Tudo n'um mar de rosas...

Tu crês n'isso, povo?!

Onde se toca a alma incendiaria
Que redime do opprobrio as lividas nações!
Lá vejo junto á Deusa o vulto de Camões!
—O Livro aberto jórra a esp'rança libertaria.—
Lá vejo o Rei-do-Mar, vendo perdido o roto:
—Aqui só Deus agora é o mestre e o piloto!—
Lá vejo o avranchesco conde Vaz d'Almada:
—Fartar, emquanto é tempo, arrieiral cambada!—
Lá vejo o Condestabre ardendo em ira insana
A jurar pela cruz da sua toledana...
Lá vejo o Setestrello, a Prole-Santa, o Astro
E mail-a sua mãe Filippa de Alencastro!
Lá vejo... que mais vejo eu?
Nova gloria que ha de vir
Erguendo na dextra, ao Céo,
O Sceptro secular que se perdeu!
Ao seu encontro vae El-Rei de Portugal
—Pela mão de Seu Pae martyrisado;
E a receber o lábaro immortal,
Que a Santa traz no peito guardado,
A escolta Real dos heroes,
Fulgidos como soes,
Que beberam da morte as dulcidas triágas,
Olhos fitos na Ostia eternal e branca:
Frederico Chagas,
Pedro Villa Franca!

Comvosco, ao seu encontro, ebrio de fé de amôr
(Estes varões malditos são o meu horror!)
Deixae, almas de heroes, que faça o meu baptismo
De soldado tambem...
Alfagemes! forjae-me a espada do heroismo
E deixae-me morrer, ó Patria, oh! minha Mãe!

Laus Deo

Cadeia do Limoeiro
Novembro 1913

Astrigildo Chaves.

Portugal

Terra de Portugal, patria de heroes,
Que ao mundo já mostraste o teu valor
E ás gentes apontaste novos soes
Nas quinas da bandeira bicolôr.

Tu cujas naus já viram mil faroes,
De rochas que a procela com fragor
Batendo transformou em seus lençoes;
O' tu, berço da guerra e do amôr,

Satisfaz-me este meu bello desejo;
Porque a ti só a ti eu devo a vida,
Porque a ti nas alegres horas vejo.

O' patria de Camões estremecida,
Faz brilhar novamente o teu lampejo
E abate este regimen fraticida!

Amadora, 24 de Fevereiro de 1916.

João Camilo.

Os monarchicos, não!

Circula ahi pelos *mentideros* e n'alguns jornaes já tem vindo o balão de ensaio, para a formação de um ministerio de *concentração nacional* em que seriam chamados a collaborar todos os partidos, inclusivé —o monarchico.

Com o nosso aplauso ou voto nenhum monarchico fará parte de qualquer ministerio dentro da republica, e se o fizer desde esse momento deixaremos de o considerar como correligionario, e como inimigo o receberemos sempre.

Nós, os monarchicos, estamos á margem da lei para tudo dentro d'esta liberalissima republica! Não ha chinfrim arranjado pelas hostes demagogicas que se não attribua logo aos monarchicos e de que estes não tenham que pagar as custas. Contra os monarchicos teem sido creadas leis e tribunaes de excepção; contra os monarchicos se creou e mantem a formiga branca.

Os monarchicos teem sido mortos a tiro nas ruas, encarcerados em infectas masmorras e irmanados com os criminosos de direito commum.

Os monarchicos não teem segura a vida, como os haveres, como a honra.

A imprensa monarchica vive n'um constante sobresalto nunca podendo contar com o dia de amanhã.

Para os monarchicos receitou o medico —politico—lunatico, n'uma das suas truanescas rajadas de loquacidade—*agua-raz e balas...*

O monarchico é, emfim, um pária dentro do seu proprio paiz; e os monarchicos são no entanto a grande maioria da nação, a élite das forças vivas, do saber, da honestidade e do patriotismo

Não! Os monarchicos não podem seja qual fôr a razão apresentada collaborar n'um governo republicano. Podem morrer, e morrerão na defeza da sua Patria, na defeza da sua dignidade, na defeza dos compromissos bons ou maus do governo do seu paiz, nos quaes possa ir envolvida a integridade do torrão natal, mas d'ahi a tomar sobre si uma parcella por minima que seja nos erros commettidos ou a commetter — vae um abysmo!

Morrer sim, mas morrer limpo!

Por acaso lembrou-se algum dos senhores que o paiz chamaram á sua posse, de consultar os monarchicos para saber a sua opinião sobre os actos de summa responsabilidade perante as potencias em guerra, que teem sido praticados?

Por acaso na posse dos navios estranhos ancorados em portos nacionaes, foram ouvidos os monarchicos?

Tudo se fez sem d'elles para nada quererem saber; não será agora, que as tremendissimas responsabilidades estão tomadas, que o retroceder seria uma baixesa, uma deshonra nacional, que cahimos no mais fundo do abysmo internacional, que os monarchicos hão de ir tomar parte no governo só porque convem arranjar uma fantochada que dê ares de coisa séria á nossa entrada no conflito europeu.

Nós estamos peores que o exercito de Napoleão quando chegou á Russia—estamos sem armas, sem munições, sem fato, sem comer e sem credito ..

Teem-no apregoado officiaes superiores do exercito.

Esta a situação.

Não! os monarchicos não entrarão na farça! soffrer-lhe-hão as consequencias indo bater-se onde fôr preciso e como fôr preciso; mas livres de responsabilidades; mas a bem com a historia .

Sós, senhores republicanos! Sós para a vida e para a morte!

Ha de ser-lhes dada inteira a gloria da situação prospera ou ruinosa que d'esta hecatombe europea nos resultar. .

A "Monarchia,, pelo paiz

Villa do Conde, 28.—Como tinhamos annunciado, realisou-se no passado domingo, pelas 9 horas da noite, no nosso theatro Affonso Sanches, o grande Sarau de Arte, promovido pelo Orpheon Academico de Coimbra, cujo programma que agradou muitissimo foi o seguinte:

Primeira parte—I. Discurso de apresentação pelo Ex.mo Sr. Dr. Domingos Ramos. II. Pelo Orpheon: a) Coral, Bach; b) Un songe d'une nuit d'été, A. Thomaz. c) Canção do linho (versos de A. Lopes Vieira), T. Borba; d) La damnation du Faust (Fuga) Berlioz.

Segunda parte—III. Pelo grupo dramatico: a) Anto das guitarradas, acto em verso do academico M. Rosas da Silva; b) Saudação a Camões (versos e musica, Dr. Elias Aguiar).

Terceira parte—IV. Guitarradas, por Paulo de Sá e Alberto Menano. V. Fados, por Antonio Menano. VI. Poesias. VII. Pelo Orpheon: a) Hymne á la nuit, E. Rousselle; b) Canções Transmontanas, P. Ribeiro; c) «Manum suam», Palestrina.

Este programma foi executado á risca, causando sensação nos espectadores, a forma brilhante como se apresentaram, sendo digno dos maiores louvores o nosso illustre conterraneo, Dr. Elias d'Aguiar, director do Orpheon.

Na proxima correspondencia fallaremos sobre o roubo praticado n'um club sportivo d'esta villa, do retrato d'El-Rei D. Manuel.

Telmo.

As conferencias patrioticas da série "Vasco da Gama,,

TEMPOS IDOS — REMEMBRANÇA

(Continuado do numero anterior)

O mundo transformava-se. Rasgavam-se novos caminhos á actividade humana. Criava-se a nautica moderna. Reformava-se a tactica antiga. N'uma palavra, começava para o mundo um novo dia, e serrava-se para sempre uma longa noute. E Portugal não ficou estranho a este renascer para a vida porque tinha um grande Rei, e possuia uma raça energica e ousada, guerreira e aventurosa. El-Rei D. João I era um forte braço, e ao seu espirito elevado sorria a ideia grandiosa de levantar sobre os adarves de Ceuta e despregar ovante aos ventos da Mauritania a signa victoriosa de 1385. Os portuguezes valiam por muitos, como bem o haviam provado na guerra da independencia. Foi porisso contra o velho gigante do Guadalete a sua nova cruzada, procurando assim alem do estreito de Gibraltar os velhos inimigos da sua raça, e levando comsigo a flôr da nobreza, e os seus intrepidos filhos, a um tempo sabios, heroes e martyres, a quem Portugal deve serviços a nenhuns outros iguaes, e cujos admiraveis perfis tão bem traça Fernam Lopes n'essa sua chronica, o primeiro livro de historia portugueza. Era poderosa essa esquadra que foi firmar em Ceuta o primeiro padrão das audaciosas expedições dos portuguezes, a maior mesmo que até então sahira dos portos de Portugal, pois compunha-se de 220 velas; e aos 21 de agosto de 1415 tremulava a bandeira portugueza na mais assignalada praça de Africa, projectando a sua sombra nas antigas muralhas de Ceuta.

Erguido este primeiro paladino do imperio portuguez, Portugal, que era ainda como navegadora uma nação balbuciante, transformou-se na mais importante nação maritima do seu tempo. Sulca os mares. Faz surgir da sua espuma, como outras tantas Venus Aphroditas, regiões equatoriaes, cheias de perfumes e verdura. Dá novas terras á actividade humana. E faz com que os nossos feitos sejam apregoados em toda a Europa, os nossos descobrimentos admirados e enaltecidos, os nossos emprehendimentos glorificados. Echoa a fama de Portugal pelos mais remotos paizes. Chega aos confins da Europa. Causa assombro por toda a parte. E não tardam a acudir a Portugal illustres estrangeiros:— uns, como o Sueco Valarte o veneziano Cadamosto, o allemão Balthazar, o genovez Antonio Usodimare, a sollicitar um logar a bordo das nossas caravelas, um quinhão nas nossas aventuras; outros, como Martim de Behaim, o primeiro astronomo do seu tempo, Christovão Colombo, Americo Vespucio, a procurar o ensino dos nossos cosmographos, as licções dos nossos pilotos.

(Continúa).

Jayme Forjaz de Serpa Pimentel.

A POLYCOMMERCIAL

Rua d'Alcantara, 41-A a 41-E — LISBOA

Estas officinas estão aptas a executar os mais difficeis e os maiores trabalhos, pois possue machinas como nenhuma outra.

Machina de compôr.
Machina de dobrar folha impressa.
Machinas de coser a arame e a linha, lombadas de livros.
Machinas para trichromia.
Machinas para dourar a quente e a frio.
E muitas das outras machinas de uso vulgar n'esta industria.

Papelaria, Livraria, edições proprias e alheias

Tipographia, Encadernação e Estereotypia

CARIMBOS DE BORRACHA

TELEPHONE 3362

Tem pessoal que vae a casa dos clientes